

Sérgio Nazar David. *Gelo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2023. 93p.

O poema me levará no tempo  
Quando eu já não for eu  
E passarei sozinha  
Entre as mãos de quem lê  
(...)  
E entre quatro paredes densas  
De funda e devorada solidão  
Alguém seu próprio ser confundirá  
Com o poema no tempo

Sophia de Mello Breyner Andresen

A imagem do quadro de Piet Mondriaan (1872-1944) *De Grijze Boom* - Grey Tree, 1911, na capa de *Gelo*, convida a uma paragem antes de transpormos o pórtico que o primeiro poema do livro “As palavras” oferece, (des)construindo percursos (a)temporais memorizados ao longo dos 40 poemas que compõem o último livro de Sérgio Nazar David.

Símbolo de vida em perpétua ascensão, a árvore evoca a verticalidade e o aspecto cíclico da evolução cósmica representado pela morte e pela regeneração, edificando, por outro lado, a comunicação e o movimento perenes entre o subterrâneo, a superfície e a altura. Logo após o prelúdio anunciado pela árvore cinzenta de Mondriaan, seguem-se as palavras unidas à pausa entre a beleza frágil do viver e a condenação inequívoca da instabilidade das coisas e das vidas em memórias de tempos em silêncios audíveis que, sutilmente, se movimentam em direção a uma renovação estimulada pelo poder d’

As palavras

Algo faz supor que estamos vivos. Nem sempre  
estamos. Sorte haver tempo para sorrir com esgar,  
mover a ampulheta dos cálculos ou mentir  
por incognoscíveis frases. Teseu busca o Minotauro.  
Os braços em fuga nunca o salvam. Por isso o fio,  
a fera, a jaula. Tudo estará seco e mudo um dia.

Igualmente tudo se renova mas só quando as palavras  
nos transportam. Ou somos nós que as movemos  
sem resposta? Quase nada rasura o que já estava.  
Há engano e fraude em cada trave, em cada copo d'água. (David, 2023, p.9)

Neste movimento, a poesia de *Gelo* encontra-se com o enamoramento que, segundo o sociólogo italiano Francesco Alberoni (1929-2023), se constitui como uma viagem, um “(...) estado nascente de um movimento coletivo a dois” (Alberoni, 2002, p. 5). Na beleza do enamoramento coletivo, Sérgio Nazar David estimula o encontro intertextual, sugerindo a leitura de poemas de E. M. de Melo e Castro, Mário de Andrade, André Monteiro, Gastão Cruz e Rita Taborda Duarte para conduzir o leitor através de *Gelo*. Por outro lado, a sensibilidade coletiva também se manifesta nos poemas dedicados a Yvette Centeno, Ana Marques Gastão, Gaëlle Istanbul e Inocência Mata, num gesto de vínculo afetivo ampliado. No enamoramento a dois, mais condensado e contraído, a poesia de *Gelo* revela-se na erupção de tempos imperfeitos quase indefinidos que acompanham o avesso da pele do poema na fotografia-poema-pensamento que emoldura frágeis identidades em miniaturas de experiências fragmentadas, cartografando a condição humana em analepses que revisitam o tempo-não-vivido, o tempo-fora-do-tempo, o tempo-não-tempo numa viagem “(...) ao mais que imperfeito passado (...)”, para entrar “(...) de novo / dentro do passado e do presente (...)”, “(...) como se o passado nada fosse / e a gente não voltasse / mas voasse sobre o tempo hoje: / tempo e espaço, tempo e modo (...)” (David, 2023, p. 23, 31, 63).

Ainda segundo Alberoni, a historicização do enamoramento apresenta-se como o movimento de entrada no passado para refazer o presente, conceito que se opõe à ideia de regressão, a qual significa viajar ao passado para ficar, constituindo-se unicamente pelo movimento de ida sem volta. Numa tentativa de reabilitação afetiva, a suspensão do fluxo temporal procura reter as memórias, reabilitando a possibilidade de retomar os tempos imperfeitos na intemporalidade do poema em gelo condensado para repensar o presente. No seio do elemento da protomatéria, como assinala Ana Marques Gastão na orelha do livro, a palavra poética movimenta e movimenta-se na solidez do conflito temporal, desconstruindo e absorvendo um não-tempo ao qual imprime maleabilidade, afeto e aroma pressentidos na “(...) foto [do] muro na varanda: o sorriso de poucos remorsos / que só o

poema alcança” (David, 2023, p.29). Nesta viagem ao interior do ser profundo, do mistério e da revelação conduzida pelas diferentes faces de Cronos, a poesia de *Gelo* é também irmã da verdade no encontro com a procura da inteireza onde “[a] língua atada / aos verbos ser e estar (há outros mais / vazios) pergunta: e agora aonde vamos?” (David, 2023, p. 47).

No registo das fases transitórias mais íntimas e efémeras, Sérgio Nazar David apreende o sentimento dos tempos que compõem a essência humana e os seus poemas revelam um percurso de luta interior através da vida experimentada e ressignificada por meio da escrita, testemunhando que “(...) [u]ma letra é um tecido / (ou um pedaço de vidro / dentro da sílaba?). Todas / as letras, não se explica / nem se exprime, inexistem” (David, 2023, p. 71). No (des)aconchego do pensamento, a palavra poética acopla-se à magia do olhar temporal, vertendo imagens em desordem permanente que nos invadem e nos abandonam em silêncios polifônicos incontornáveis. Neste contexto, a poesia de *Gelo* procura na palavra o conforto que a ausência do entre-lugar cingido pelo silêncio (a)temporal provoca. O tempo, espaço dialético e representativo do panorama de vida, é múltiplo e faz-se presente no tempo do viver, do lembrar e do agir, verbos cíclicos e coadjuvantes às transferências temporais que incorporam existências. No intervalo do diálogo entre o visível e o invisível aproxima-se a distância entre poesia e vida na procura incessante de formas para dizer em detrimento do ver, formas abrigadas na concha que poesia e pensamento habitam provocando a metamorfose noturna do poema em “(...) poema-seta, poema-bicho, / enredados em círculo (...)” (David, 2023, 37). Na vertigem do pensamento poético, a interlocução entre o nó – “Desta vez pouco digo do que / escapa e tento agarrar em cada nó / do verso (...)” (David, 2023, p. 59) –, a metáfora e a metamorfose desejada revelam sentires que traçam caminhos no gelo do poema-pensamento porque “(...) o poema faz ver o mundo na medida em que é ele próprio um mundo que se faz ver” (Collot, 2005, p. 178) – ainda que o sonho seja uma presença assídua que se desarticula no encontro com a realidade:

(...)  
Hoje, em sonho, estudava uma língua exótica,  
viva ainda. Surpreendi-me porque já falava tanto.  
Até que tive os braços no ar. A professora  
veio em meu auxílio: teatro de marionetes,  
disse apenas. E romperam-se todos os cordéis. (David, 2023, p. 25)

(...)  
Os sonhos giram sobrepostos numa ou mais esferas  
e há sempre um furo por onde podem cair.  
Este ponto somos nós (no mesmo laço  
por que desce o verso). Não entendo mas escrevo.  
Que uma palavra ao menos seja minha  
e os poemas todos se dilatam como rosas dentro umas  
das outras  
(David, 2023, p. 15)

Na circularidade reflexiva do pensamento que impulsiona o movimento de assimilação do mundo e de tempos em experiência, o pensamento do poema (do mundo) configura infinitas variações do tempo na memória individual e demonstra a sua essência na dinâmica regenerativa do tempo e na reaproximação à luz ainda e sempre desejada, indo ao encontro das palavras de Eduardo Lourenço (1923-2020):

O que nem Filosofia nem Ciência nos concedem, um só verso, um daqueles que Mallarmé dizia “interminavelmente belo” no-lo oferece, porque nele regressamos e nele somos o Tempo que em tudo o mais esquecemos mas que jamais nos esquece. Este é o mistério, o lúcido e inexpugnável mistério da Poesia: o Tempo — nós como Tempo — tornado sensível, audível, dizível e através dessa aparição nos oferecendo a desesperada e alta eternidade, a familiar “luz perpétua” que nós próprios fabricamos ardendo e vendo-nos arder como árvores vivas no fogo temporal. (1974, p. 147)

Conformado também pela presença do sonho – um outro tempo – como já se fez notar, *Gelo* configura a potencialidade maior do sonho para tornar visível o desejo de luz e de esperança convocando Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen: “(...) [t]udo na vida é esta luz de Jorge / (e de Sophia), uma pequena luz bruxuleante” (David, 2023, p. 51) que cintila “(...) como a exactidão como a firmeza / como a justiça. /Apenas como elas. / Não na distância. Aqui / no meio de nós. / Brilha” (Sena, 1988, p. 49-50). A luz na palavra poética de *Gelo* surge do encantamento entre o movimento da palavra, da memória – “(...) este rio sem corrente (...)” (David, 2023, p. 77) – e do tempo que inscreve estados emocionais na pele do poema, que reflete sobre as palavras, o poema e o poeta num entrelaçamento onde se cruzam e descruzam voos que ainda decantam a liberdade de afirmar que “(...) [s]ou este barco de louça, / sou este barco que voa / no décimo quarto verso” (David, 2023, p. 17) – precisamente o último verso do poema “Jarro de flores”. O poema “(...) embora não pareça, é um ciclo, / preso ao corpo por um fio. (...) Temos as bordas / desatadas e o vício de morrer e renascer / e voltar a morrer. Estranho tríptico” (David, 2023, p. 85). Neste estranhamento sentido – “(...) Será preciso mudar de pele?

(...)” (David, 2023, p. 85) – “(...) [o] poema, onde quer que se fixe, / como a rosa, é a roseira (...)” (David, 2023, p. 23).

A poesia de Sérgio Nazar David desliza na esperança bruxuleante de que o degelo sustente o compasso das águas que passam em leveza líquida de esperança a qual também assiste a poesia de *Gelo*: “(...) Mesmo assim / renasço, recuso a morte e o desespero, / estendo a mão / como o nauta no desterro” (David, 2023, p. 13), (...) porque “ (...) à noite um sonho // fez-nos livres como nunca fomos, / e já sem alvo, preceito ou objeto, amamos / a ranhura que fica no canto, // um resto de memória que se quebra, / o segredo que viola o instante, / rubor de faces e crateras” (David, 2014, p. 29), como se faz sentir em *Tercetos Queimados*.

O desafio da leitura de *Gelo* convoca o des(sossego) do enamoramento das múltiplas viagens ao passado na procura de entendimento para um presente que, tal como um filme, “(...) roda como se fôssemos o que não somos. / Não importa. Nem quero ser trágico. / Apenas miro o contorno mais suave (...)” (David, 2023, p. 51) porque “[a] felicidade é um filme / no escuro imperfeito do cérebro (...)” (David, 2023, p. 53) que são também as memórias de tempos imperfeitos que nos lembram que “[n]o poema tudo o que existe / vem dessa morte em vida” (David, 2023, p. 83).

## Referências

- ALBERONI, Francesco. *Innamoramento e amore*. Trad. Paulo Dullius. Milano: Gazanti Editore, 2002.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O Poema. In: \_\_\_\_\_. *Obra poética*. Lisboa: Assírio Alvim, 2015. p. 457.
- COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves et al. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2005.
- DAVID, Sérgio Nazar. *Tercetos queimados*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- DAVID, Sérgio Nazar. *Gelo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.
- LOURENÇO, Eduardo. *Tempo e poesia*. Porto: Editorial Inova, 1974.
- SENA, Jorge de. “Uma Pequena Luz”. In: \_\_\_\_\_. *Poesia II*. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 49-50.

**Susana L. M. Antunes**

University of Wisconsin-Milwaukee